



A ANIMAÇÃO EXPERIMENTAL PRATICADA POR UM COLETIVO INDEPENDENTE

ALINE GOLART DA CUNHA¹; GABRIELA FARIAS MUNIZ KACELNIKAS²;
ICARO DE OLIVEIRA CASTELLO²; NADIA DA CRUZ SENNA³

¹UFPEl – alinegolart3@gmail.com

²UFPEl – gabykacelnikas@hotmail.com

²UFPEl – castelloicarp@gmail.com

³UFPEl – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar e pesquisar a produção de um coletivo independente na área da Animação em Audiovisual. Neste coletivo a equipe integrante atrela-se a prática da horizontalidade, ou seja, “estar em lugar de opinião igual ao outro [...]” (HORIZONTALIDADE, 2011) de maneira em que as elaborações criativas e produtivas resultantes, associam-se as produções experimentais da animação brasileira e internacional. O foco da investigação são os percursos dos artistas, que ao trabalhar em conjunto, associam-se ao diálogo sem hierarquia e geram trajetórias de potência experimental. Nesse caso um filme experimental, seria aquele que “experimenta, que faz uma experiência em uma área qualquer: narrativa, figurativa, sonora, visual etc.” (AUMONT; MARIE, 2006, p. 111)

Estas questões emergem através da investigação de uma obra coletiva e, também, das origens teóricas e poéticas que os artistas carregam antes da produção conjunta. Revisitando a formação do grupo compreende-se que a diversidade de contribuições subjetivas permitem o resultado criativo e vanguardeiro, em que a contribuição apoia-se no processo da livre expressão dos contribuintes em nível de igualdade hierárquica.

Escutar significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro. [...] A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. (FREIRE, 1996, p.119-120).

Analisamos os trabalhos conjuntos e independentes de três integrantes do coletivo de artistas animadores, os quais são vinculados ao *Programa de Educação Tutorial, PET Artes Visuais - UFPEl*, buscando perceber quais foram as potências individuais, desses e do restante da equipe, que contribuíram na produção do curta-metragem experimental *Tá Foda* (2019).

2. METODOLOGIA

Ao analisarmos o produto coletivo, nos propusemos a observar quais diálogos pessoais dos integrantes atravessam os conceitos visuais, poéticos e teóricos do curta metragem “Tá Foda”. O produto possui diversas contruibuições de todos os integrantes e nos aprofundamos na subjetividade dos três autores desta pesquisa para fazer o estudo. Reunimos atenções ao redor das temáticas intrínsecas de cada um, estudando os processos de elaboração conjunta que ocorreram durante a pré-produção e produção do curta-metragem.

As reuniões de equipe se tornaram o ponto mais marcante, em que os momentos de encontro contínuos permitem a elucidação de como o projeto acontece na visão de cada integrante. Com esta diversidade de olhares, o andamento decorre num fluxo contínuo de mudanças e o apontamento de diversos pontos de vista para uma mesma direção torna-se essencial para que se mantenha em movimento a criação processual, que não pertence a visão de um único indivíduo.

O Ambiente descontraído pode exibir-se pelo lugar do conforto e pela ausência de poder perante qualquer uma das partes. Cláudia Paim (2009) nos ajuda a compreender como se procede essa comunicação, num espaço no qual não existe uma estratégia imposta e afirma que a *tática* é um infinito de *modos de fazer*, que quando desenvolvidos se apropriam, manipulam e alteram. *Táticas* que podemos citar que ocorreram nas reuniões do coletivo 'Panelinha' ao produzir "Tá Foda" em 2019: A *tática de mostrar-se* e a *tática de representar-se*, nestes casos por parte da equipe para fazer-se compreender. A *tática* está do coletivo para o público assim como entre seus integrantes. Alguém mostra uma ideia, o outro a altera e por fim alguém desenha algo que ninguém havia imaginado, mas que representa o que foi dito por ambas as partes. O produto se modula assim, misto, um resultado de muitas origens. Corpos fracos que não impõe estratégias uns sobre os outros.

Pensar o coletivo como um palimpsesto: as ideias idéias se sobrepõem, mas sem produzir apagamentos, permitindo ver umas através das outras. É composição inacabada e infinita. Mas, caso se interrompa este movimento, tudo está ali à vista: as ideias de todos formam um corpo comum, mas não homogêneo. (PAIM, 2009, p.112).



Figura 1: Reunião do coletivo para elaboração de cenários do curta metragem - 2019/2. (Fonte: Aline Golart)

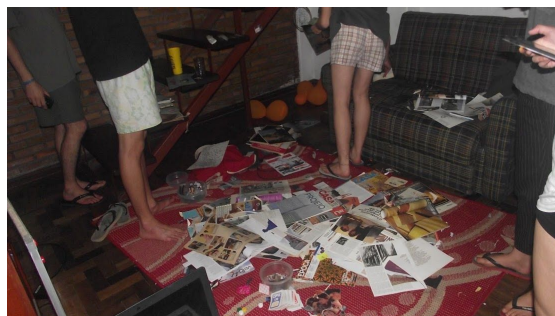


Figura 2: Reunião do coletivo para seleção e coleta de figuras das revistas. - 2019/2 (Fonte: Ligia Torres)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a potencialidade de uma produção horizontal, em que existe uma democratização do diálogo, promove a criação a nível de tornar-se parte, resultando em um produto íntimo e individual de todos aqueles que pertencem ao coletivo. Torna-se válida a discussão e tensiona a equidade de todos da equipe, de maneira que promova a valorização dos discursos individuais. Esse diálogo amplo torna possível atingir diversas esferas criativas, teóricas e práticas, colocando diversas subjetividades em diálogo e valorizando a experiência coletiva através da experimentação da partilha de ideias, em que "[...] o que passa a



existir é uma relação de equidade entre as pessoas, tendo todos igual importância enquanto seres humanos e artistas.” (GODOI, 2018, p. 14)

Nessa forma de produzir cinema, instigam-se os limites de cada um, liberando espaço para uma aventura pessoal e coletiva dentro das etapas de execução, valorizando o consciente coletivo, assim como a experiência única e singular dos integrantes. Contrariando convenções muito comuns dentro da realização de um filme e renegando práticas fordistas de produção, na qual cada artista faz o trabalho em que está profissionalizado. Esse ambiente saudável de coletivo facilita o aprendizado através da vontade de se propor a realizar uma tarefa em que não se tenha experiência. Através deste método operacional, diferente do cinema tradicional, ocorre uma saída da rigidez ideológica e incentiva os animadores a explorar seu senso autodidata.

O cinema de animação, na sua forma mais tradicional, vem sendo determinado pela impessoalidade, por um método de trabalho de linha de montagem e por uma visão massificada que é determinada pelos gestores dos grandes estúdios. (BUCCINI, 2017, p.3)

Não é regra que toda produção audiovisual coletiva que atue de maneira horizontal venha a resultar em um produto experimental. Observando às práticas deste coletivo de artistas animadores, que vêm ocorrendo desde 2018, caracterizamos estas obras em contextos de aprendizado e resistência, para além das questões estéticas e formais, notando ainda, que o experimental é contemplado. O objetivo aqui não é unificar ou redefinir a formação do cinema independente ou experimental, mas compreender suas potências. A análise serve como exemplo do que pode ocorrer quando os integrantes atuam nas áreas de animação, colagem, reutilização e de maneira geral, invenção. A liberdade para a experimentação de suas ideias em conjunto acaba promovendo concretamente um estudo que expõe suas subjetividades no produto final da contribuição coletiva.

Os modos de fazer dos coletivos e das iniciativas coletivas que apresentam resistência têm uma grande diversidade e incompletude variando conforme seus contextos de ocorrência. Aqui não se buscou delimitar um perfil fechado para estas práticas compartilhadas que, inclusive por serem inventivas, são infinitas. (PAIM, 2009, p.26)

4. CONCLUSÕES

A abertura do debate acerca dos conscientes coletivos elucida a importância de se realizar um projeto com valor de igualdade entre seus produtores, que promova não apenas a prática livre e poética conjunta, mas também o conforto em se experienciar etapas diversas dentro da produção de um filme. Tornam-se menos restritos os espaços nos quais não se tenha experiência, permitindo que pessoas que nunca antes tenham ensaiado certas técnicas e etapas, permitam-se a conhecer e aprender suas práticas. Através dos coletivos independentes o grupo se desenvolve de maneira muito mais produtiva, pois pode contar com o apoio coletivo para o desenvolvimento de novas habilidades. É um lugar de troca, em que todos estão, em seu íntimo, doando para um trabalho e aprendendo com o resultado dele. O cinema tradicional, apesar de ser uma área de trabalho em equipe, não incentiva isso, pois não quebra o fordismo. Em sua produção técnica e criativa, impede que cada um utilize de táticas próprias, ou seja subversivo e se aproprie das ideias em discussão. Limitar-se a uma única estratégia encerra as possíveis propostas de atalhos de outros, mas em um coletivo horizontal é



possível que os indivíduos experimentem, aprendam e ensinem, assim, o coletivo consegue trilhar em multiplicidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAIM, C. **COLETIVOS E INICIATIVAS COLETIVAS**: MODOS DE FAZER NA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA. 2009. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GODOI, I. **MULHER PRETA NO AUDIOVISUAL**: CINEVIVÊNCIA, ESTÉTICA E AFETO. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Departamento de Cinema e Audiovisual. Niterói, 2018.

HORIZONTALIDADE. Dicionário inFORMAL. São Paulo, 19 jun. 2011. Online. Acessado em 16 set. 2020. Online. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/horizontalidade/>

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2006.

BUCCINI, M. O ortodoxo e o experimental no cinema de animação. In: **XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM**, 40, Curitiba, 2017. São Paulo: Intercom, 2017. p.3.

TÁ FODA. Direção: Coletivo Panelinha. Pelotas, Rio Grande do Sul. Brasil. 2019.